

Pronto, se ninguém prefacia isto, prefacio eu

Um prefácio pelo autor, Nuno Markl

É bonito a *Caderneta de Cromos* fazer 10 anos no mesmo ano em que o meu filho Pedro faz 10 anos. Tudo isto tem um soberbo significado cósmico-filosófico-coiso. Quando decidi fazer a *Caderneta de Cromos* no meu regresso à Rádio Comercial, após 5 anos na Antena 3, lembro-me de pensar, acima de tudo, que queria oferecer ao público um regresso em grande, um *blockbuster* capaz de ombrear com aquilo que estava a fazer quando saí da Comercial em 2004 – *O Homem Que Mordeu o Cão*.

Num almoço de caril de gambas com o Pedro Ribeiro – num restaurante de São João do Estoril que, tristemente, já não existe (meu Deus, que bom caril de gambas!) – ambos concordámos que fazer uma enciclopédia diária sobre as coisas que construíram as nossas infâncias e juventudes seria divertido para nós e para os ouvintes. E assim foi: ainda antes de existir a rubrica na rádio, apenas com a abertura da página oficial de Facebook, que rapidamente se tornou num repositório de memórias e desejos dos ouvintes, a *Caderneta de Cromos* já era um *blockbuster*. E, quando as primeiras edições foram para o ar, na manhã do dia 23 de Novembro de 2009, em poucas horas tornou-se mais do que uma rubrica de rádio: transformou-se numa comunidade instantânea, uma roda gigante de amigos num festim imparável de partilha de histórias, em que não só eu surpreendia os ouvintes com as minhas recordações como também era surpreendido diariamente com as coisas de que eles se lembravam.

A rubrica deu origem a espectáculos ao vivo com lotação esgotada, dois livros, uma agenda, um Jogo da Glória produzido com a mítica Majora e até uma colecção de figuras de PVC da lendária Maia & Borges. Além de tudo isto, muito do material compilado na *Caderneta* serviria também como inspiração para a série de televisão que fiz em 2018 para a RTP, 1986. A *Caderneta* foi tudo aquilo com que eu poderia sonhar e mais além.

Uma das coisas melhores de tudo isto foram mesmo os fãs. Os ouvintes, unidos pelo seu afecto pela *Caderneta*, criaram amizades, alguns encetaram namoros e alguns até chegaram a casar. Foram os fãs da *Caderneta* que, unidos, fizeram a Olá trazer o Fizz Limão de volta. Acredito até que, num momento quase digno de seita milagreira (mas em bom), foram eles que, unidos, conseguiram trazer de volta à vida um dos grandes fãs da rubrica, o Ricardo Augusto, que teve um acidente quase fatal que o deixou em coma vários dias e sem grandes esperanças de voltar a este mundo. Visitado no hospital por outros fãs da *Caderneta*, o Ricardo acabou por acordar. Não sou religioso, nem pendo para *new age*, e não acredito em milagres, mas acredito que pessoas boas e correntes de afecto podem conseguir coisas incríveis, e tive a sorte de ter muitas pessoas boas a ouvir a *Caderneta de Cromos*.

Mas a verdade, a verdade-verdadinha e nunca antes partilhada ou reflectida, é que, além de tudo isto, a *Caderneta de Cromos* foi uma espécie de terapia muito pessoal. Em 2009, o ano em que fui pai, o ano em que, de repente, fui chamado a ser, definitivamente, um adulto, a *Caderneta de Cromos* ajudou-me a manter a necessária sanidade mental para levar a cabo essa tarefa, permitindo equilibrar o Markl-pai de 38 anos com o Markl-gaiato de 12. Numa era em que a vida subitamente me pediu uma certa perda de inocência, para o bem e para o mal – em pouco tempo ganhei um filho e perdi o meu pai – a *Caderneta de Cromos* acabou por ser mais que uma rubrica de rádio, mais do que um *blockbuster* para ombrear com *O Homem Que Mordeu o Cão*. Foi algo bastante mais íntimo e pequeno – e, por isso, gigante. E também por isso agradeço aos ouvintes da Comercial terem feito parte dessa terapia.

Dez anos depois da estreia na rádio e nove anos depois do sucesso estrondoso do primeiro livro da *Caderneta*, eis que regalamos os verdadeiros fãs com esta luxuosa edição de colecionador, agora a cores e com capa dura e tudo. Neste *buffet* de memórias cromas estão os melhores textos que fizeram parte dos dois livros da *Caderneta*, mais uma gostosa quantidade de outros nunca antes publicados. É a viagem definitiva aos 70 e 80, feita das minhas memórias, as dos ouvintes, as das pessoas incríveis que fizeram comigo a rubrica nas Manhãs da Comercial – o Pedro Ribeiro, o Vasco Palmeirim e a Vanda Miranda – e as da Patrícia Furtado, a incansável ilustradora e detentora da chave da grande máquina do tempo, que definiu um *look* tão forte e mágico para a *Caderneta*, que era quase possível vê-lo através da rádio.

Há dez anos, alguns de nós – entre os que faziam isto e os que ouviam isto – dizíamos, espantados: «Caramba, estamos velhos!» Dez anos depois, estou ainda mais convencido de que essa não é a maneira certa de pensar. A frase certa, independentemente da idade, será sempre: «Caramba, estamos cromos!»

Peta Zetas

Quando se diz que, nos anos 80, pairava sobre todos nós a ameaça nuclear, as pessoas têm tendência para pensar que era só por causa da América, da URSS e das bombas atómicas. Mas a verdade é que a ameaça nuclear estava um pouco por todo o lado – nomeadamente ao nível da indústria da guloseima. Ninguém me tira da cabeça que coisas como as Peta Zetas eram radioactivas e que todos nós fomos cobaias de alguma coisa, enquanto ríamos a bom rir com o famoso produto que fervilhava e estalava nas nossas bocas. Há dias, comentava isto com um amigo de escola, grande consumidor de Peta Zetas, naquela altura, e que hoje sorria, ao recordar esses tempos, enquanto vertia lágrimas de riso dos seus quatro olhos e coçava o cocuruto com o braço que tem entre as duas omoplatas e agitava alegremente a peluda cauda. (Esta parte da cauda já sou eu a inventar.)

Os anos 80 eram a época politicamente incorrecta da guloseima. Hoje há uma catrefada impensável de guloseimas sem açúcar – aliás, hoje chegou-se a um ponto em que há guloseimas cuja embalagem tem o símbolo de um dente, todo sorridente, com um guarda-chuva por

Antigamente, as guloseimas faziam realmente mal.

cima. Guloseimas que, aparentemente, fazem bem aos dentes. Ridículo. Isto é como se, de repente, aparecessem cigarros que limpam os



1 **Peta Zetas**
Um rapaz de ar alucinado, olhos arregalados, cabelo em pé, língua cheia de Peta Zetas a explodir que nem um kit de arraial da Al-Qaeda.

brônquios. Ninguém fuma cigarros porque é saudável, assim como ninguém come guloseimas porque elas fazem bem. É suposto aquilo serem frutos proibidos, coisas que as pessoas mais velhas e ajuizadas não nos deixam consumir porque fazem mal – e que, por isso, sabem bem. Antigamente, as guloseimas faziam realmente mal. Tinham doses generosas de açúcar e componentes bizarros que hoje, pelo menos, conseguimos identificar porque trazem a letra «E» seguida de um número.

Devo dizer-vos que consegui encontrar Peta Zetas. Hoje em dia são uma raridade, longe da facilidade com que se arranjavam na nossa infância e juventude, mas ainda se vendem em algumas tascas recônditas deste país. Comprar Peta Zetas, hoje, quase ganha contornos de compra de droga. Para comprar um pacote, senti-me quase em plena era de glória do Casal Ventoso, tanto assim que o empregado da tasca teve sérias dificuldades em perceber o que eu queria, já que achei que Peta Zetas é o tipo de coisa que não se pede em voz alta. Sussurra-se.

As Peta Zetas têm uma história curiosa. Foram criadas em 1956 por um cientista americano ao serviço da General Foods, um tal William Mitchell, mas só começaram a vender-se ao público americano em 1975. Reparem o tempo que eles levaram até decidir: «OK, vá, os seres humanos, se calhar, podem comer isto.» Na altura, na América, o produto chamava-se Pop Rocks e tão depressa como apareceu no mercado... foi retirado.

Em 1979, uma empresa espanhola achou que era boa ideia recuperar esta invenção digna do Nobel. E o resto é História. Esta empresa fez a coisa tão bem que conseguiu representar o produto em todo o mundo – incluindo na América, onde tinha sido retirado de circulação.

De acordo com um ouvinte da *Caderneta de Cromos*, o Alexandre Emanuel Trocado, há um episódio da lendária série *MacGyver*, onde o afamado biscateiro heróico faz fumo usando Peta Zetas, Coca-Cola e cubos de gelo!

Isto leva-nos a um mito urbano extraordinário envolvendo este produto mágico. Dizia o mito urbano, muito popular nos anos 80, que, se uma pessoa bebesse cola e comesse Peta Zetas ao mesmo tempo, o corpo como que explodia por dentro e a pessoa morria. Mas não sem antes espumar pela boca durante horas. Nesta última parte acredito. Acredito que um tipo que coma Peta Zetas e beba cola espume

mais ou menos a mesma quantidade de espuma que se consegue despejando uma garrafa inteira de gel de banho numa banheira com a água a correr, e isso é um espectáculo certamente digno de ser visto. Mas, pelo sim, pelo não, não tentem isto em casa, está bem? Já basta a chatice da Gripe A, não precisamos agora que os noticiários falem nos portugueses que começaram a morrer por misturarem Peta Zetas com cola.

Aparentemente, o Space Shuttle faz o som de Peta Zetas a estalar na boca.

Voltando às minhas Peta Zetas, compradas agora, constato uma diferença tremenda em relação às Peta Zetas antigas. Nos anos 80, o boneco nos pacotes era um astronauta e toda a campanha do produto baseava-se na ideia espantosa de que ao comer isto a boca emitia «sons espaciais». O que é magnífico. Aparentemente, o Space Shuttle faz o som de Peta Zetas a estalar na boca, sempre que parte para mais uma missão.

Mas este conceito do astronauta e dos sons espaciais era dantes. Hoje, creio que os fabricantes de Peta Zetas estão-se um bocado nas tintas para as comparações e metáforas, e o desenho da embalagem é demente: um rapaz de ar alucinado, olhos arregalados, cabelo em pé e língua cheia de Peta Zetas a explodir que nem um kit de arraial da Al-Qaeda.

Eles já nem tentam suavizar a coisa. Nada de astronautas, estrelinhas ou planetas. De «atenção que isto é a guloseima espacial» passou-se para «eh pá, metam esta porra na boca que isto começa a rebentar».

O Dedo e o Pé

Se há instituição de que vamos ter de falar várias vezes, ao longo da História da *Caderneta de Cromos*, é da famosa marca de gelados cujo nome começa por O, termina em A e tem um L no meio. Os gelados deles fazem tanto parte das nossas vidas como, sei lá, os nossos dentes. Dentes que, possivelmente, muita gente já não terá na sua totalidade devido à recorrente ingestão de gelados ricos em açúcar durante a infância e a juventude. Mas é como tudo na vida: ganham-se umas coisas, perdem-se outras. Os dentes entram, claramente, para esta segunda categoria.

Os gelados deles fazem tanto parte das nossas vidas como, sei lá, os nossos dentes.

Estávamos em meados dos anos 80 quando a Olá achou que seria boa ideia criar um sorvete de água com sabor a morango no formato de uma mão enorme com um dedo espetado. Enfim, uma daquelas ideias que, na altura, parecia fazer sentido, embora me leve a crer que os criativos dos gelados deveriam ter sensivelmente a mesma idade – nem que estejamos a falar só de idade mental – da maioria dos consumidores de gelados.

Por mais voltas que eu dê à cabeça, não consigo imaginar um adulto responsável a dizer:

«O que me parece uma ideia interessante é criar um sorvete em forma de mão com um dedo espetado de modo a que o consumidor possa chupar nesse dedo.» E também não imagino outros adultos a responder: «Sim senhor, é uma ideia extraordinária e que faz todo o sentido.»

É bizarro criar-se um gelado baseado numa qualquer parte do corpo humano

A verdade é que não há nada de mais erótico, a nível preliminar, do que fazer brincadeiras com os dedos da pessoa amada, brincadeiras que incluem, de facto, muitas vezes, a sucção de um dedo ou outro. É claro que pela cabeça de um petiz de 10, 11 ou 12 anos não passava nenhuma dessas porcarias. E é por isso que me lembro que o gelado o Dedo era tão espectacular de se comer. Era enorme, tinha um robusto sabor a morango – não exactamente morango-o-fruto, mas mais morango-o-rebuçado ou morango-aquilo-que-uma-fábrica-de-aromatizantes-acha-que-é-o-sabor-do-morango. Na altura, como vocês se lembrarão, esse é que era o sabor a morango que valia a pena. Lembro-me sempre da trágica desilusão que era quando chegava a Primavera e o Verão – a



2 **O Dedo e o Pé**
É bizarro criar-se um gelado baseado numa qualquer parte do corpo humano. Seja ela qual for.

época, por excelência, do morango – e todos constatávamos, uma vez mais, que os morangos da praça não sabiam minimamente ao bom sabor a morango de gelados como o Dedo ou como o seu antecessor mais modesto, Diabrete.

Chupar dedos de estranhos é realmente bizarro.

Na altura, fiquei chocado quando o Dedo deixou de fazer parte, num duro e triste Verão, do catálogo de gelados da Olá. Mas agora, a esta distância, com esta idade, constato que já foi uma sorte o raio do sorvete ter estado disponível aquele tempo todo. É bizarro criar-se um gelado baseado numa qualquer parte do corpo humano. Seja ela qual for.

Qual não foi o nosso espanto quando, daí a pouco, surgia nas arcas frigoríficas da Olá, em todo o país...

... o Pé.

Isto é extraordinário. Retiram o Dedo de circulação, provavelmente porque, apesar de delicioso, talvez fosse um pouco doentio como conceito – chupar dedos de estranhos é realmente bizarro. E de repente, alguém acha que é uma ideia vencedora servir um novo gelado, desta vez sob a forma de um pé humano.

Voltando à linguagem erótica dos preliminares, a coisa parecia estar a ir pela ordem correcta de lascívia: primeiro uns chupõezitos num dedo da mão e a seguir uns chupõezitos num dedo do pé. Quando o Pé foi posto no mercado, eu já era mais crescidote e começava a ter um bocadinho mais de discernimento. Foi isso que, durante uns tempos, me levou a temer pelo capítulo seguinte desta odisséia gelada. O Dedo. O Pé. O que viria a seguir?

Felizmente, a empresa ficou-se por aí no que toca à exploração de partes do corpo humano para efeitos de confecção de sorvetes.

Pastilhas Gorila

Aqui há tempos masquei uma pastilha Gorila e há que dizer que não são tão rijas como antigamente; diria mesmo que hoje roçam o tenrinho de uma forma quase efeminada. Há que dizer, no entanto, que o sabor se mantém e que os fabricantes continuam a apostar numa coisa que está a cair em desuso: a Gorila, meus amigos, é feita com **açúcar**. Doce, delicioso, destruidor de dentes, mas sublime **açúcar**. Só deixaram de ter cores: a última Gorila que masquei era branca, o que me parece uma vergonhosa cedência à saúde. No nosso tempo, ingeríamos tanta coisa com corantes que – tenho a sensação – era mais o menos a mesma coisa do que ir a uma loja da Robbialac ou da Dyrup, pedir uma lata de tinta e uma palhinha e sorver aquilo tudo como se fosse um batido.

Mas a experiência Gorila era vasta e grandiosa, no nosso bom velho tempo. Não se limitava ao mascar da pastilha, que vinha em vários sabores, mas ao que envolvia a pastilha – e que era um cromó a preto e branco que, por muito manhoso e desinteressante que pareça

Nós não éramos muito exigentes: víamos o sentido da vida em quase tudo.

hoje, para nós era mais uma experiência próxima do sentido da vida. Nós não éramos muito exigentes: víamos o sentido da vida em quase tudo. E ele estava, sem dúvida, numa colecção como a lendária Série Aeronáutica.



4 **Pastilhas Gorila**
A Gorila, meus amigos, é feita com açúcar. Doce, delicioso, destruidor de dentes, mas sublime açúcar.

A Série Aeronáutica é, possivelmente, a maior colecção de cromos do mundo. De acordo com o que era anunciado na altura pela Lusiteca, a empresa que fabricava as pastilhas, a Série Aeronáutica era composta por 800 cromos, divididos por épocas: Pioneiros da Aeronáutica, As Máquinas Voadoras, I Guerra Mundial, Entre as Duas Guerras, II Guerra Mundial, o Após Guerra e os Helicópteros. Aquilo era um paraíso geek. Cada cromó tinha o desenho a preto e branco do avião, helicóptero, balão, o

que fosse; por baixo do desenho, dados absolutamente essenciais como o peso, a velocidade, a altitude a que voava, etc. Comer pastilhas, nos anos 80, fazia de nós candidatos perfeitos para ingressar na Força Aérea. Antes de percebermos de sexo, todos ficámos a perceber, exaustivamente, de aeronáutica.

O grande drama de um jovem coleccionador dos cromos de aviões das pastilhas Gorila era o facto de os cromos serem, lá está, manhosos. Tão manhosos que várias vezes a minha avó deitou fora molhos daquilo, julgando que era lixo. Julgando que eram papéis de pastilha elástica. O mais ridículo é que aquilo eram, de facto, papéis de pastilha elástica. Mas eram também a mais completa resenha da História da Aviação Mundial jamais publicada por uma marca de guloseimas – e doía, de repente, perceber que o nosso Lockheed Shooting Star tinha feito o seu último voo... para dentro do contentor do lixo.

Antes de percebermos de sexo, todos ficámos a perceber, exaustivamente, de aeronáutica.

Numa pesquisa pela Internet, apercebi-me de que, ainda hoje, há devotos coleccionadores destes aviões das pastilhas Gorila. Coleccionadores dispostos a pagar bem pelos papéis que, várias vezes, a minha avó deitou para o lixo.

Sobre a pastilha em si, era uma ótima pastilha. Ainda por cima, a dada altura da década, surgiu numa versão melhorada que levou muita gente a cometer aquela que ainda é a maior loucura das suas vidas: falo da Super-Gorila, servida em pacotes de meia-dúzia.

Era possível fazer balões de uma dimensão tal que eu não sei como é que não houve pais a perder os seus filhos no ar.

Ao contrário da normal e achatada Gorila, a Super Gorila era um bloco alto e espesso de pastilha, mas que não nos amedrontava. Por alguma razão, sempre que o sabor da primeira Super-Gorila da embalagem desaparecia, nós não hesitávamos em meter uma segunda na boca para fazer companhia à que lá estava. E uma terceira. E uma quarta. E uma quinta... e, de repente, tínhamos seis Super-Gorila na boca, com as quais era possível fazer balões de uma dimensão tal que eu não sei como é que não houve pais a perder os seus filhos no ar.

Eu uma vez fiz um balão tão gigantesco com seis Super-Gorila que temi começar a voar. Não voei, mas aquela porcaria rebentou-me na cara e penso que hoje, vinte e tal anos depois, ainda desprendo pedaços de pastilha das fuças.